

Conservi poucos cartões de Mário de Andrade. Perdi os que me mandou para a fazenda onde passei uma temporada logo depois da Semana de Arte Moderna. Extraviaram-se outros nas minhas inúmeras mudanças pelo mundo afóra. Tenho somente os que me escreveu do Rio de Janeiro em 1938 ~~o~~¹⁰² mandando ali residir depois da derrocada do Departamento de Cultura. Eu também foi objeto da antipatia do prefeito Prestes Maia por causa da defesa (um tanto agressiva, concordo) do meu programa de bibliotecas para São Paulo elaborado para ser executado em diversos anos cujo ~~avanzado~~ progresso ele paralisara. Acabei sendo transferido da chefia da Divisão de Bibliotecas para a de Estatística. Resolvi, então, abandonar sonhos irrealizáveis e aceitar o convite do ministro Marcoules Filho para reorganizar, no Rio, a biblioteca do Ministério do Trabalho. Logo depois passei para a Biblioteca Nacional, a convite de Gustavo Capanema, ministro da Educação. Mário de Andrade

ao Rio,

quando cheguei, já voltava para São Paulo. Mas mantive uma longa correspondência com meu amigo. Explica-se pelo fato de termos morado, quase sempre, de 1920 em diante, na mesma cidade. No tempo de Klayon vivamos nos diariamente na Confeitaria Vienense, na rua Barão de Itapetininga. Ali reunia-se nosso grupo, as cinco horas da tarde. Via-o, semanalmente na rua Lopes Chaves, na casa de Paulo Prado e na de D. Olívia Penteado. Aos sábados a noite o grupo aparecia em minha casa, no jardim América, construída segundo um "croquis" feito por mim, pelo Antonio Moya e Willy Malfatti. Era uma casa moderna, uma das primeiras de São Paulo, decorada com afrescos de Gomide, móveis ultra modernos e um quadro de Di Cavalcanti (As moças de Guaratinguetá) que provocava arrepios nas passadistas. Mário comparecia frequentemente a essas reuniões memoráveis. Houve uma época, entretanto, que nos encontramos com

menos frequencia. As contingencias de
nossos empregos e trabalhos não nos
permittedam uma convivencia diaria.
Depois de Terra Roxa e da primeira
fase da Revista de Antropofagia, hou-
ve no nosso grupo uma época dispersiva
e esteril. Uma parte abandonou a li-
teratura militante. Tacito de Almeida,
Coelho de Barros e eu simplesmente en-
joamos de fazer literatura. Eu, pela
minha parte, descobri que não tinha
nenhum talento literario. Não me
interessava escrever. O que eu queria
era "fazer coisas". A' espera de oportu-
nidades iam os gozando a vida. Essa
atitude de dilettantes e de espectadores,
indignava Mario. "Voces estão perdi-
das" exclamava. Não me interessando
mais pela literatura senão como espec-
tador, não sendo mais do mesmo "metier",
não costumava mais, depois de "perdi-
do", discutir como antes com Mario seus
planos literarios ou os livros que
publicava.

4

Discutíamos sim, e sempre, muitas ideias e planos ligados a bibliotecas, edições e bibliografias. Muitos desses planos nós os realizamos juntos no Departamento de Cultura. A amizade, ^{porém} continuou a mesma os assuntos de conversa é que mudaram.

O grupo que se formou em 1922 vivia muito unido. Tamos juntos a toda a parte sempre discutindo, planejando coisas e realizando algumas. Nunca nos elogiávamos, ao contrario, era um habito enraizado, verdadeiro costume do grupo, criticarmo-nos mutuamente, xingarmo-nos, pelo puro prazer da brincadeira. Eramos verdadeiros amigos e assim nos mantivemos a vida inteira. Era, entre Mario e eu, uma amizade que vinha da infancia.